

# O LUTO COMO DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO EM JUDITH BUTLER

## MOURNING AS A DECONSTRUCTION OF THE SUBJECT'S IDENTITY IN JUDITH BUTLER

**CLEITON CRUZ DE OLIVEIRA\***

\*Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel); Acadêmico do curso de Teologia pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF).  
E-mail: cleiton.cruzoliveira12@gmail.com

**PAULO GILBERTO GUBERT\*\***

\*\*Professor de Filosofia e de Teologia na Universidade Católica de Pelotas.  
E-mail: gilbertogubert@gmail.com

**Resumo:** O objetivo do artigo é demonstrar como ocorre a desconstrução da identidade do sujeito no processo de luto a partir da filosofia de Butler. Para tanto, dois argumentos são apresentados. O primeiro remete à importância do luto para o sujeito que após uma perda necessita se reorganizar e reconstruir a própria vida diante do fato ocorrido. O segundo indica a intersubjetividade enquanto ponto fundamental para entender os processos de luto na medida em que é o desfazimento das relações humanas que impacta decisivamente na desconstituição da identidade do vivente, isto é, daquele que vive e que sofre.

**Palavras-chave:** Luto. Identidade. Desconstrução. Butler.

**Abstract:** The aim of this article is to demonstrate how the deconstruction of the subject's identity occurs in the mourning process from Butler's philosophy. To do so, two arguments are presented. The first refers to the importance of mourning for the subject who, after a loss, needs to reorganize and rebuild his life in the face of the fact that has occurred. The second indicates intersubjectivity as a fundamental point for understanding the processes of mourning to the extent that it is the undoing of human relations that has a decisive impact on the deconstitution of the identity of the living, that is, the one who lives and suffers.

**Keywords:** Mourning. Identity. Deconstruction. Butler.

## 1 INTRODUÇÃO

A identidade, que nos permite distinguir uma pessoa da outra, faz referência a uma personalidade constante e continuamente construída nas relações e no reconhecimento das pessoas, isto é, somos seres relacionais, constituídos por e nas relações. Quando por uma razão ou outra acontece o rompimento de uma relação significativa para o sujeito, quando há uma perda e a obstrução de um vínculo fundante, como a morte de um ente querido, por exemplo, pode haver também um processo, que ao longo dessa pesquisa denominaremos como luto.

O luto desestabiliza a relação e a própria identidade, pois trata-se de uma experiência que rompe com todas as seguranças estabelecidas, tanto no que se refere à identidade, quanto no que diz respeito ao seu modo de estar no mundo e interagir com as demais pessoas.

Expressões comuns entre pessoas enlutadas, tais como: "estou perdido", "não sei mais quem eu sou" ou "não sei o que vou fazer de minha vida", talvez, indiquem o quanto o humano pode ser constituído ou desconstituído pela experiência de luto. E, ao invés de denotar uma experiência de máxima solidão antropológica, como a primeira vista poderia parecer talvez o luto revele, como diz Judith Butler (2020), o quanto somos seres entregues aos demais.

Neste ponto, a tragédia grega pode trazer um

contributo para melhor entendimento da temática. Na obra *Antígona*<sup>1</sup>, de Sófocles, a personagem principal estava submetida a um sistema governamental que impedia celebrações fúnebres de familiares. De forma semelhante vivemos no Brasil, um sistema político que não toma as medidas necessárias para evitar novos óbitos e caracteriza as vidas perdidas como apenas números a serem contabilizados. Assim como na tragédia grega, onde Antígona é impedida de sepultar seu irmão, milhares de famílias foram privadas de estar com seus entes queridos. Devido às regras sanitárias brasileiras, não houve nenhum tipo de despedida, os corpos não foram vistos e nem foram dignamente velados.

Diante desse quadro, sob o prisma da filosofia de Judith Butler, propõe-se uma reflexão que lance luzes sobre essa conjuntura social e política. A importância que damos aos nossos mortos talvez indique, como aponta Judith Butler, que algumas vidas valem menos que outras. Na filosofia de Butler existe uma gama de livros que embasam seu interesse pela discussão entre luto e política. As principais obras da autora que abordam a temática são: *Problemas de Gênero* (1990); *Corpos que Importam* (1993); *A Vida Psíquica do Poder* (1997); *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto* (2019) e *Vida Precária: os poderes do luto e da violência* (2020).

---

<sup>1</sup> Antígona é personagem da tragédia grega de Sófocles. Antígona, diante da morte de seu irmão Polinices, reivindica a ordem do rei de Tebas, Creonte, para poder enterrar o seu irmão morto. Segundo o costume dos gregos, era dado o direito para os familiares de enterrar seus mortos, para que a alma não ficasse vagando, pois esse direito era dado pelos deuses. Por desobedecer o rei e sepultar seu irmão, Antígona é presa e assassinada (SÓFOCLES, 1999).

## 2 LUTO E IDENTIDADE

O luto está intrinsecamente ligado à forma como reagimos diante de uma ou várias perdas e nos leva a refletir sobre quem somos diante da vida, do sofrimento, da morte e de outras perdas significativas que marcam a subjetividade humana. No entanto, antes de se pensar propriamente sobre o modo como alguém pode ser constituído por meio de suas relações, urge que se pense na desapropriação da identidade de si. Conforme identifica-se a partir das leituras da obra de Butler.

Freud nos lembrou que quando perdemos alguém, nem sempre sabemos o que se perdeu daquela pessoa que se foi. Então, quando a pessoa perde, também se depara como com um enigma: algo se esconde na perda, algo está perdido nos segredos da perda. Se o luto envolve saber o que foi perdido [...], então o luto conservaria uma dimensão enigmática, uma experiência do não saber provocada pela perda do que não podemos compreender completamente (2020, p.42).

Esse “não saber” ao qual se refere Butler, talvez possa ser entendido no conjunto de sua filosofia do luto como um desfazer-se, ou, mais precisamente, como a forma em que o humano é desfeito pela morte, ou melhor, pelos vínculos que o constituíam e que se desfazem com a morte. Este “algo que se perde” poderia ser também entendido como o vínculo que se mantinha com o objeto perdido? Ou refere-se à própria identida-

de do enlutado que se perde na perda? E quando pensamos em identidade, de quais identidades estamos falando? Em outros termos: quais são as identidades pensadas e quais são completamente impensadas ou indizíveis que sequer são contempladas pelo luto?

É importante sublinhar que, refletir sobre o luto implica em repensar o próprio conceito de humano, e ainda: pensar sobre os esquecidos e não reconhecidos dentro do contexto social, político e econômico em que estamos inseridos. Para Butler, o não reconhecimento<sup>2</sup> adentra em questões propriamente políticas e éticas do não reconhecimento. Sob o mesmo ponto de vista identificam-se, nas palavras da autora, elementos de condicionamento para uma vida ser passível ou não de luto.

Podemos pensar a guerra como algo que divide as populações entre aquelas pessoas por quem lamentamos e aquelas por quem não lamentamos. Uma vida não passível de luto é aquela cuja perda não é lamentada porque ela nunca foi vivida, isto é, nunca contou de verdade como vida. Podemos ver a divisão do mundo em vidas passíveis ou não passíveis de luto da perspectiva daqueles que fazem a guerra com o propósito de defender as vidas de certas comunidades e para defende-las das vidas de outras pessoas, mesmo que isso signifique eliminar estas últimas (BUTLER, 2019, p. 64-65).

---

<sup>2</sup> Lembremos que Butler possui doutorado em Hegel. O conceito de reconhecimento utilizado pela autora tem sua base hegeliana.

O contexto de guerra, conforme apresentado pela autora, permite que se perceba a dimensão da identidade do enlutável está condicionada a aspectos que escapam das condições de decisão do próprio sujeito. Para uma vida ser passível de luto, primeiro ela precisa ser reconhecida como vida. Entretanto, durante o acontecimento de uma guerra não há este reconhecimento, há apenas competição entre interesses de Estados ou nações.

Neste contexto, considera-se que, para defender determinadas vidas, é preciso eliminar outras. Ocorre uma seleção acerca de quais vidas podem ser consideradas e quais não existem para o reconhecimento social. Por outro lado, para considerar uma vida como enlutável, necessariamente essa vida precisa ser identificada, por certo, ser validada como membro de uma sociedade. Isso significa que, na prática, existem pessoas que não são contadas como humanas e que suas identidades não existem para a identificação pública.

Os contextos atuais de extrema violência mundial, mostram pessoas de diversas nacionalidades e orientações sexuais sendo agredidas, muitas vezes mortas. Essas vidas são contadas como humanas?

A vida não pode ser medida pelas condições sociais e econômicas. Situações como as mencionadas anteriormente, revelam uma preocupação. Segundo Butler, o conceito de humano, tido como universalmente válido, na prática, parece não abranger determinados grupos sociais, empregando sobre eles uma precariedade ainda maior, havendo uma desigualdade para os mesmos. Eis o que pensa a filósofa a esse respeito:

A questão que me preocupa, à luz da violência global recente, é: Quem conta como humano? Quais vidas contam como vidas? E, finalmente, o que **concede a uma vida ser passível de luto**? Apesar de nossas diferenças de lugar e história, minha hipótese é que é possível recorrer a um "nós", pois todos temos a noção do que é ter perdido alguém. A perda nos transformou em um tênue "nós" (BUTLER, 2020, p. 40).

Como se pode observar no texto acima, para a autora, tanto o luto quanto o humano parecem não ter validade universal uma vez que o luto e os efeitos dos direitos humanos são negados a determinados grupos. A dor da perda, por sua vez, se configura como alternativa real para se pensar o coletivo, isto é, a partir da experiência singular de sofrimento percebe-se que o outro também sofre e, portanto, não há apenas um eu e sim um nós a ser pensado e refletido. Nas palavras da Butler: "Muitas pessoas pensam que o luto é privado, que nos isola em uma situação solitária e é, nesse sentido, despolitizante. Acredito, no entanto, que o luto fornece um senso de comunidade" (2020, p. 43).

O luto é processo de reorganização e readaptação com implicações na esfera pessoal e social. Assim sendo, pensar o humano a partir da experiência do luto significa sempre pensar um "nós" que perde e que se perde. Parece convincente que não ficamos enlutados solitariamente, e que, pelo luto, adentramos em uma das questões cruciais em Butler: a dimensão social do luto (mesmo quando vivido individualmente não deixa de ser social). O luto é essencial para se pensar o indivíduo e a constituição da própria sociedade.

Aquilo que constitui o humano está diretamente vinculado às relações que se estabelecem desde o nascimento. A condição humana implica em estar entregue e exposto ao outro. Tal entrega revela uma vulnerabilidade primária. Para Butler (2003), o luto contém a possibilidade de aprender uma forma de desapropriação que é fundamental para o ser.

O luto adentra na fragilidade que constitui historicamente o humano, levando sempre à relação com alguém. As relações humanas se constituem através de vínculos afetivos que se estabelecem com outrem, através de afinidades e semelhanças, por compatibilidade na forma de pensar, por princípios políticos e éticos que podemos possuir em comum.

Essa constituição do sujeito humano se desfaz diante da morte. Com a perda há um desen-

contro, uma desorganização afetiva, emocional, relacional e identitária. A morte do outro representa a perda dos vínculos que traziam segurança, que eram assegurados pela relação; instala-se a incerteza. Já não se sabe mais quem se é diante da perda. A perda revela mais do que uma ausência física, pois desestrutura a identidade do humano, arranca-o das certezas e seguranças, coloca-o para além do estabelecido pela relação.

O luto vinculado pela perda, nem sempre se apresenta de forma clara. A melancolia confunde-se com o sentimento de desamparo, porque muitas vezes não se tem clareza do que se perdeu no objeto perdido. Para Butler, a perda está ligada também a um “eu” que se perde juntamente com o objeto perdido. A identidade do sujeito passa pela necessidade de reconhecimento oriunda do outro.

A constituição humana elementarmente passa pela relação com os outros seres. Trata-se de um mergulho na experiência do reconhecimento. Quando busca compreender quem é, o sujeito investiga também aquilo que o constitui como pessoa humana.

Neste contexto, a filosofia butleriana mergulha na identidade do sujeito diante da morte. Ao realizar uma investigação através do enlutável e da experiência que o luto provoca nas relações intersubjetivas, a filósofa menciona que o luto opera uma modificação na autopercepção, pois a experiência do luto desestabiliza a identidade.

Assim, o luto desliza de categoria clínica para ocupar um lugar central na filosofia política de Butler e a interdependência entre as vidas amplia o lugar que até então a relação com a alteridade havia ocupado na concepção do “eu” como aquele que se constitui na relação com o outro (RODRIGUES, 2020, p. 62).

Além do reconhecimento familiar do luto, a esfera social, juntamente com o sistema político, possui uma responsabilidade por esses corpos, conforme Butler:

certos rostos devem ser reconhecidos pela opinião pública, devem ser vistos e ouvidos para que um sentido mais agudo de vida, de toda e qualquer vida, tome conta de nós. Então, não é que o luto seja objeto da política, mas sem a capacidade de enlutar perdemos aquela noção mais afiada de vida que necessitamos para que possamos nos opor à violência. E, embora para alguns o luto só possa ser resolvido pela violência, parece claro que a violência só acarreta mais perdas, e a incapacidade de considerar o apelo da precariedade da vida apenas leva, repetidamente, à frieza do luto em uma raiva política interminável (2020, p. 17).

Reivindicar o luto é buscar dignificar as vidas perdidas, é reconhecer a dimensão da identidade do vulnerável. Ser vulnerável não implica em ser desprezível, mas indica que se está sempre exposto e entregue ao contato com outrem, nas relações estabelecidas que mobilizam nossa identidade humana.

### **3 A IMPORTÂNCIA DO LUTO PARA O SUJEITO**

Pensar o luto e perceber qual a dinâmica que o processo de luto tem sobre o sujeito, significa uma desapropriação da ideia cristalizada sobre a própria subjetividade. Com a perda, inicia-se um processo de desconstrução e posteriormente de reconstrução da identidade do sujeito. O luto é uma reação processual diante da perda, mas é também um grito<sup>3</sup>, para que a perda não seja minimizada ou esquecida entre seus sobreviventes.

A memória presente no sujeito reporta-se à incerteza de não saber ao certo tudo que se perdeu com quem morreu. Assim se desencadeia em seu ser o ardente desejo de manter viva a imagem da pessoa perdida. O luto é uma expressão de extrema importância, que inicia o processo de reconhecimento sobre as perdas que são enfren-

<sup>3</sup> Retomando a ideia de Antígona, que grita contra o poder do soberano.



tadas ao longo de nossa vida, além de simbolizar e fazer parte da ritualização da despedida.

O luto, elemento característico da vida humana, exige posicionamento diante das experiências que ocorrerão após a perda. Torna-se, portanto, necessária uma busca pela identidade desse humano que perde e que se desfaz na relação perdida. Como passar pelo luto sem ser modificado por ele? Não é possível, pois o sujeito sempre será modificado através dos vínculos que são desfeitos. Segundo Butler, uma pessoa passa

[...] pelo trabalho de luto ao aceitar que a perda a mudará, possivelmente para sempre. Talvez o luto tenha a ver com concordar em passar por uma transformação 'talvez se deva dizer submeter-se a uma transformação' cujo resultado final não podemos conhecer antecipadamente. Há a perda, como a conhecemos, mas há também seu poder transformador, que não pode ser mapeado ou planejado. Podemos tentar escolhê-lo, mas pode ser que essa experiência de transformação desconstitua as possibilidades de escolha (2020, p. 41, grifo do autor).

O luto desfaz a relação estabelecida, conduz o sujeito à insegurança de não saber mais quem é. Trata-se de um processo de arrancar-se de si mesmo, que provoca angústia. Essa transformação iniciada através do fato de não saber mais quem é, torna-o vulnerável, uma vez que, na constituição da relação, o eu está entregue ao outro.

O argumento que melhor abrange o pensamento butleriano é de perceber o quanto não se possui o controle sobre a própria vida. O processo de luto ajudará a reorganizar o que sobrou, e a perceber a importância de reestruturar-se diante da perda.

#### **4 O LUTO COMO ELEMENTO DE MUDANÇA NO SUJEITO**

A constituição de si e do outro se dá através das relações. Esta construção começa com nosso nascimento e perdura por toda a existência. O

que por inúmeras vezes acontece é que as pessoas não são preparadas para lidar com a perda e com seus impactos eminentes em suas relações. Assim, um primeiro processo é de perceber que acontecerá uma mudança interna e externa do sujeito após a perda.

Essa mudança acontece principalmente porque os seres humanos são seres relacionais e porque a perda afeta a sua forma de perceber e sentir, isto é, afeta aquilo que constitui o humano enquanto tal. Essa mudança desagrega algumas percepções sobre o luto que foram inventadas e transmitidas ao longo do tempo, como por exemplo: **Isso tudo vai passar; logo a vida volta ao normal...** São expressões agressivas para os ouvidos e que não ajudam a compreender, de fato, o que acontece ao longo desse processo, que independente do querer, causará mudança no indivíduo.

Quando perdemos certas pessoas, ou quando somos despossuídos de um lugar, ou de uma comunidade, podemos simplesmente sentir que estamos passando por algo temporário, que o luto passará e que alguma restauração da ordem anterior será alcançada. [...] Quando passamos pelo que passamos, algo sobre o que somos nos é revelado, algo que delinea os laços que mantemos com os outros, que nos mostra que esses laços constituem o que somos, laços e elos que nos compõem (BUTLER, 2020, p. 42).

A formação do sujeito está amplamente validada e reconhecida pelas relações estabelecidas com o outro e pelo olhar do outro. A perda estabelece um rompimento, uma quebra de laços e relações estabelecidas. Na filosofia butleriana, a perda insere-se no contexto da relação desfeita, evocando um sobreviver, que modificará a forma de se relacionar.

Através do luto inicia-se a necessidade de reorganizar a própria visão que o sujeito tem do mundo. Neste sentido, existem elementos que ajudam a significar melhor os momentos de perda, como por exemplo, os rituais fúnebres que representam uma prática de despedida, sinal de reivindicação pública pelo direito de chorar pelos

seus mortos, assim como Antígona, que reivindicou o direito de chorar a morte de seu irmão.

O apelo de Antígona introduz uma mudança na forma de lidar com a morte, mudando a perspectiva de como perceber e reivindicar a perda de familiares e amigos. A morte não é apenas um acontecimento neutro ou localizado em sociedades específicas, mas um momento da vida que estabelece relações e reivindicações sobre os corpos mortos.

## **5 CONCLUSÃO: A DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**

Se o conceito de identidade faz referência a aquilo que o indivíduo é em sua individualidade e representatividade diante do meio social, é preciso pensar que essa identidade se faz a partir das relações a que o sujeito estará exposto: "Podemos até querer, ou mesmo conseguir por um tempo, mas apesar de nossos melhores esforços, nos desfazemos, na face do outro, pelo toque, pelo cheiro, pelo tato, pela perspectiva do toque, pela memória do tato" (BUTLER, 2020, p. 44).

A identidade a que se refere Butler aquela que faz com que o outro perceba o eu como pessoa, é constituída a partir de uma subjetividade, que se compõe pelo reconhecimento do outro. Implicitamente não será possível pensar um sujeito que se constitui por uma identidade, sem ser entregue à relação coletiva. Nessa dimensão se funda, além da identidade de pessoa, uma participação na construção social, no coletivo.

Butler, em seu livro, *Vida precária* (2020), trabalha com a ideia de que os seres humanos são construídos a partir de suas relações com os outros, cada vida é vulnerável ao outro, porque está sempre exposta à relação com outrem. E a perda ocasiona uma desestruturação da identidade, pois aquele sujeito que se faz na relação com o outro, ao perdê-lo, deixa de existir. Assim, diante da perda, perde-se a identidade, isto é, deixa-se de ser quem se é.

## **REFERÊNCIAS**

BUTLER, Judith. **Corpos que Importam**. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: Crocodilo Edições, 2020.

\_\_\_\_\_. **Quadros de guerra**: Quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

\_\_\_\_\_. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

RODRIGUES, Carla. Por uma filosofia política do luto. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 46, p. 58-73, 2020. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnfp/article/view/737/634>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SÓFOCLES. **Antígona**. Tradução de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 1999.